



Histórias de vida na formação de professores de línguas

Life Stories in Language Teachers' Training

Christianne Benatti Rochebois

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Porto Seguro, Bahia / Brasil

chrisrochebois@hotmail.fr

Resumo: O objetivo deste artigo é primeiramente chamar a atenção para a importância dos relatos de Histórias de vida de atores envolvidos no espaço da escola pública como abordagem de investigação e de formação a estudantes de língua francesa da Universidade Federal do Sul da Bahia. O texto apresenta os diferentes termos advindos na corrente de construção de espaços de vida e de narrativa no universo das Ciências Humanas: biografia, autobiografia, histórias de vida. Em seguida, reflete-se sobre as extensões da prática biográfica, através do estado da arte, para, finalmente, chegar no domínio de pesquisa e prática do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente de língua francesa. Fundamentam este estudo obras organizadas por grupos de trabalho brasileiros e franceses. Finalizamos com a apresentação de nosso projeto de pesquisa-ensino-extensão aplicado em Porto Seguro, Bahia, integrando os atores da escola pública, estudantes da universidade e Histórias de vida.

Palavras-chave: histórias de vida; ciências humanas; integração escola-universidade; língua francesa.

Abstract: The aim of this paper is firstly to call attention to the importance that reports on life stories of actors involved in the public school realm have as an investigative approach to training French language students at Southern Bahia Federal University. The text shows different terms coming from the thread of research built upon life spaces and narrative within the Human Sciences: biographies, autobiographies, life stories. Then we ponder over the extensions of biographical practice, through the state of the art, in order to finally reach the research and practice domain of foreign language teaching-learning, specifically, French. The study is based on references organized by Brazilian and French work groups. We conclude with the presentation of our research-

teaching-extension project applied to Porto Seguro, Bahia, which integrates the actors of public schools, university students and life stories.

Keywords: life stories; human sciences; school-university integration; French.

1 Introdução

Como demarcar os espaços, tempos, gerações e perspectivas que, através de itinerários construídos, podem indicar novas alternativas de formação na sociedade contemporânea? Quando pensamos na multiplicidade de experiências na busca de modos de formação fecundos, temos que considerar os processos educacionais para além dos limites das técnicas, reconhecendo as subjetividades e os recursos de memória.

Nesse texto procuramos chamar a atenção para nossa preocupação em não perder, no acúmulo das potencialidades, os relatos de experiências de atores envolvidos no espaço educacional, tratando a (auto)biografia como lugar de investigação e de formação na escola do século XXI. Multiplicam-se as pesquisas na academia que apontam para a questão do sujeito ao indicar os sentidos de experiências, os estudos sobre trajetórias artísticas, profissionais e educacionais.

Vista sob este ângulo, a abordagem “Histórias de vida” se baseia em modos de observação efetivos, cuja finalidade diverge em função da preocupação científica de cada um. Isso nos conduz a refletir sobre o estatuto das Histórias de vida como fontes, como espaços de invenção e de formação. Segundo a finalidade, os observadores-pesquisadores produzem textos com diferentes motivações, concepções e maneiras de trabalhar com o método autobiográfico; para cada observador-pesquisador, seja ele um sociólogo, um psicólogo, um linguista ou um historiador, o peso das palavras pronunciadas pelo interlocutor vai mudar, com cada especialista dando importância a um ou a outro elemento. Cada um recolhe os dados em função da coerência de seu propósito inicial, seja ele disciplinar, científico ou estratégico, transformando-os em fatos sociológicos, etnológicos, linguísticos, psicológicos, etc. Da mesma maneira, porque o sujeito escutado conhece as preocupações de seu ouvinte, ele tenta responder às suas questões construindo percursos específicos à problemática proposta.

A História de vida se constrói, então, a dois, e de uma maneira orientada. Esta constatação tem como consequência lógica o questionamento

da realidade observada por um e relatada por outro. Trata-se de uma realidade mutualmente condicionada, pois ela se constrói através do encontro. Dito de outra forma, a realidade, por mais evidente que possa parecer, emana de nós e muda em função de nossos encontros. Os textos-falas narram a solidão, falam do passado buscando a compreensão do sujeito, dimensionam a sociedade através de reflexões que recorrem a experiências, nas quais todos os indivíduos podem se reconhecer.

Existem também contextos subjacentes, inerentes aos sujeitos em interação. Estamos diante de um outro ao qual tentamos escutar, descrever, explicar “a razão de ser”. Não podemos relevar, por exemplo, a situação dita intercultural – tanto individual como coletiva – que remete a um encontro entre duas formas de ser e de viver.

Se definimos o termo interculturalidade como a fusão de mundos diferentes, entrelaçados, que dão origem à mestiçagem cultural, consideramos, então, novas existências somadas e enriquecidas. Por mais que acordemos com o direito à fala que expõe as diferenças, são a comunhão, a coabitação e a tolerância as palavras de ordem do dia. A realidade da interculturalidade compõe nossa existência científica na medida em que graças ao outro nos damos conta de nossas eventuais incoerências e incongruências próprias.

O percurso proposto neste texto se situa na intersecção entre o biográfico, o narrativo e o interpretativo, inspirado na sensibilidade (mais subjetiva, narrativa, dialógica e implicativa) que se inicia na pesquisa educativa a partir da década de 1980, com contribuições pioneiras de Jerome Bruner, Paul Ricoeur, Gaston Pineau e vários outros pesquisadores. A perspectiva sobre a diversidade e seus desafios constitui o núcleo da abordagem “Histórias de vida”.

Discutiremos, primeiramente, os diferentes termos advindos nessa corrente de construção de espaços de vida e de narrativa, nos limitando ao universo das Ciências Humanas: biografia, autobiografia, histórias de vida. Em seguida, refletiremos sobre as extensões da prática biográfica nas Ciências Humanas, através de um estado da arte, para finalmente chegar em nosso domínio de pesquisa e prática: o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, mais especificamente, de língua francesa. Descreveremos nosso projeto de pesquisa-ensino-extensão aplicado em Porto Seguro, Bahia, integrando os atores da escola pública, estudantes da universidade e Histórias de vida.

2 Diferenciações terminológicas

Biografia – escrita da vida de um outro.

O termo Biografia ganha espaço nas Ciências Humanas a partir do século XIX, quando os dados biográficos passaram a ter interesse de pesquisa para a Antropologia como meio de reconstituição dos modos de vida das comunidades foco.

Já no século XX, a partir dos anos 80, a centralização no indivíduo como agente e paciente de suas relações com o meio passa a motivar pesquisas em Educação, no âmbito da relação entre aprendizagem e a reflexão autobiográfica, a partir da qual o aprendiz teria a chance de constituir uma consciência histórica. Assistimos então

[ao] retorno do sujeito-ator-autor às investigações em ciências humanas e sociais. Frente ao declive dos grandes paradigmas – estruturalismo, marxismo, behaviorismo –, a linguagem como prática social, a cotidianidade como lócus da ação e o saber do sentido comum passam a ocupar um lugar central no tecido de outros laços entre sujeito/objeto, indivíduo/sociedade, determinismo/emancipação, inconsciente/consciência... A atenção dos investigadores se centra então nas noções de reflexividade, representações, sentido, crenças, valores e se volta para a historicidade do sujeito e das aprendizagens.

As histórias de vida e a biografia (escrita da vida) retornam ao cenário da investigação, como fontes de estudo privilegiadas, suscetíveis de revelar os modos como se tecem os vínculos entre o sujeito e o mundo nas esferas sociais onde vive e interage. (PASSEGGI, 2011, p. 25).¹

¹ “El retorno del sujeto-actor-autor a las investigaciones en ciencias humanas y sociales. Frente al declive de los grandes paradigmas – estructuralismo, marxismo, behaviorismo –, el lenguaje como práctica social, la cotidianidad como locus de la acción y el saber del sentido común pasan a ocupar un lugar central en el tejido de otros lazos entre sujeto / objeto, individuo / sociedad, determinismo / emancipación, inconsciente /conciencia... La atención de los investigadores se centra entonces en las nociones de reflexividad, representaciones, sentido, creencias, valores... y se vuelve hacia la historicidad del sujeto y de los aprendizajes. Las historias de vida y la biografía (escritura de la vida) retornan al escenario de la investigación, en tanto fuentes de estudio privilegiadas, susceptibles de revelar los modos como se tejen los vínculos entre el sujeto y el mundo en las esferas sociales donde él vive e interactúa.”

A legitimação dessa perspectiva em Educação marca uma oposição ao ensino tecnicista e ao modo fragmentário de se configurar a aprendizagem e a relação do sujeito com o objeto e do sujeito com ele mesmo.

Nos anos 2000, Christine Delory-Momberger publica *Biographie et Éducation* (2003) e *Histoire de vie et recherche biographique en éducation* (2005), trabalhando o biográfico como um espaço de pesquisa multidisciplinar nas Ciências Humanas e Sociais. O termo “Biografia educativa” surge em seguida na academia suíça, assim como “Biografia profissional” – *Biographie professionnelle et formation* (2001), de Jean-Yves Robin.

Delory-Momberger (2016) considera os processos de construção de si, de constituição individual e de subjetivação como focos centrais da pesquisa autobiográfica em Educação; o biográfico como dimensão constitutiva da gênese. Assim, os saberes sociais se organizam na consciência do indivíduo e ele assimila – sob seu ponto de vista e temporalidade – os mundos a que pertence de forma biográfica, produzindo sentido e dando configuração a sua vivência.

O termo “Biografia Linguageira” surge como foco de professores-pesquisadores da didática de línguas e de culturas, em um movimento de associação de experiência de vida e experiência com as línguas (seja materna ou estrangeira):

A biografia languageira repousa sobre a capacidade do indivíduo em relatar os elementos constitutivos de sua experiência na área linguística e cultural. A hipótese [...] é que este trabalho biográfico permita desenvolver no aprendiz de línguas a consciência segundo a qual suas aprendizagens ganham estando em relação umas com as outras. (MOLINIÉ, 2006, p. 6).²

A formação de uma comunidade europeia, originando ao longo dos anos a elaboração de um Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), oriundo por sua vez da necessidade de preparar

² “La biographie langagière repose sur la capacité de l’individu à relater les éléments constitutifs de son expérience dans le domaine linguistique et culturel. L’hypothèse [...] est que ce travail biographique permet de développer chez l’apprenant de langues la conscience selon laquelle ses apprentissages linguistiques gagnent à être mis en relation les uns avec les autres.”

os Europeus para a mobilidade internacional, com toda a agilidade profissional e pessoal que a abertura das fronteiras proporciona, potencializa as estratégias relativas à diversidade linguística e cultural dos países europeus.

Nessa esfera de circulação de pessoas comprova-se a necessidade de se considerar o sujeito (aprendiz) em seus níveis diversos de capacidade nas línguas com as quais ele tenha contato nos contextos de mobilidade, no aprendizado formal ou em suas origens, ou seja, a convivência no indivíduo de saberes linguísticos múltiplos, formando uma ampla competência comunicativa.

A experiência linguageira do aprendiz passa então a ser valorizada, e a(s) língua(s) tratada(s) como instrumento de comunicação numa perspectiva de ações sociais. Em 2003, Jean-Pierre Cuq (2003, p. 36) em seu *Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde*, a define como

[...] A biografia linguageira de uma pessoa é o conjunto dos caminhos linguísticos mais ou menos longos e mais ou menos numerosos que (uma pessoa) percorreu e que formam, desde então, seu capital linguístico; ela é um ser histórico que atravessou uma ou várias línguas maternas e estrangeiras, as quais constituem um capital linguístico incessantemente cambiante. Em suma, são as experiências linguísticas vividas e acumuladas numa ordem aleatória que diferenciam os indivíduos.³

Nesse contexto, o recurso às narrativas das trajetórias e das experiências de línguas dos aprendizes constitui uma entrada de acesso aos diversos elementos envolvidos no percurso de apropriação de língua estrangeira, trabalho que acumula a virtude de favorecer, por parte dos atores do processo, uma postura reflexiva contínua e que, além de conferir-lhes papel ativo, possibilita a ampliação da eficácia do processo de apropriação.

³ “[...] La biographie langagière d’une personne est l’ensemble des chemins linguistiques, plus ou moins longs et plus ou moins nombreux, qu’elle a parcourus et qui forment désormais son capital langagier; elle est un être historique ayant traversé une ou plusieurs langues, maternelles ou étrangères, qui constituent un capital langagier sans cesse changeant. Ce sont, au total, les expériences linguistiques vécues et accumulées dans un ordre aléatoire, qui différencient chacun de chacun.”

Autobiografia – escrita de sua própria vida.

Oposto à biografia, ela constitui um modelo onde ator e autor se superpõem, sem um mediador explícito. Seu peso etimológico privilegia a escrita de si e um investimento pessoal que, para além das terminologias, representa um rito pessoal e talvez incontornável de um desdobramento reflexivo e narrativo.

O autobiografar dá-se por meio de falar de si e por modos comportamentais, como maneira de falar, de socializar, de se portar. Segundo Passeggi (2011, p. 29), “ao fato de o narrador apropriar-se de um instrumento semiótico (grafia), culturalmente herdado, sócio-historicamente situado, para colocar-se, ou colocar o outro, no centro da narrativa como protagonista de um encadeamento”.

A perspectiva autobiográfica em Educação serve-se de diferentes meios: entrevistas, narrativas individuais ou coletivas, registro escrito de autobiografias, fontes documentais de acervos institucionais ou pessoais.

Histórias de vida – entrelaçamento das correntes biográficas e autobiográficas.

As pessoas em formação não produzem histórias de vida como literatura e muito menos como um exercício disciplinar. Elas o fazem para viver. Tentam construir o sentido a partir de suas experiências para fazer ou refazer sua vida, buscando se conhecer. Não somente no sentido cognitivo da palavra, mas também conativo, reunindo elementos, acontecimentos, fragmentos dispersos.

É um objetivo, no sentido linguístico, de saber utilizar a linguagem de maneira performática, ou seja, de criar uma forma através da mesma. Tentar dizer sua vida é tentar fazê-la, produzi-la e não somente comunicá-la, reproduzi-la. Esta constituição se constrói com matérias pré-existentes, herdadas, linguísticas e não linguísticas, físicas, psicológicas, sociológicas, mas não a partir de tudo – de um tudo histórico ou de um sujeito constituído – e sim a partir de seus tempos e contratempos, transformando-os e se transformando, se diferenciando e se articulando.

Nesse movimento de formação permanente, a história de vida não se apresenta como uma arte reservada somente a poucos, com um “eu pleno” e vidas plenas segundo a tradição autobiográfica. Ela não é tampouco reduzida a um exercício disciplinar de pesquisa de áreas restritas.

A história de vida se descobre como a arte formadora da existência permitindo ao sujeito se articular, se conjugar, se multiplicar, mostrando que a existência de cada um é fruto de uma cooperação: todos colaboramos uns com os outros para a realização de nossa vida. Para que essa colaboração possa ser sentida naturalmente, o que é estranho em nós mesmos, ou no outro, deverá se tornar íntimo, necessitando uma abertura e um percurso em direção a si mesmo e um prolongamento para o outro.

3 A extensão da prática biográfica

É importante observar a extensão da referência às Histórias de vida no campo das Ciências Humanas. Há hoje uma expansão de práticas, uma proliferação de abordagens. As Histórias de vida se tornaram amplas, foram além, sendo designadas como campo de pesquisa nas Ciências Sociais e nas Ciências da Educação.

É preciso reconhecer que a amplitude atual de referência às Histórias de vida provoca um sentimento vago que nos conduz, às vezes, a não mais saber exatamente onde pisamos. A diversidade de uso da História de vida tornou-se tamanha que, nessa intersecção de ideias e de explorações, a intenção da produção científica às vezes não é clara. Em nossas buscas terminológicas e conteudísticas encontramos Histórias de vida como práticas de pesquisa, práticas de formação, práticas sociais, práticas de pesquisa-formação, práticas literárias e práticas culturais.

Essas práticas, por sua vez, estão incluídas em contextos sociais e profissionais que têm características próprias. Do mesmo modo, é preciso levar em conta a diversidade das populações de referência selecionadas pelos pesquisadores das diferentes áreas do conhecimento. Identificamos em nossas leituras abordagens que dizem respeito a:

- Migração, origem sociocultural estrangeira, percursos de bilinguismo;
- Pertencimento cultural, mais especificamente quando do deslocamento para as grandes cidades ou em relação com a vida da família;
- Vida profissional, com suas passagens, fases e/ou ciclos;
- Dependentes, como alcoolismo, droga;
- Desempregados, como forma de exclusão;
- E, finalmente, as várias modalidades de aquisição, experiência e formação.

Igualmente, múltiplos temas portadores de questões teóricas se destacam, tais como:

- A articulação entre identidade e narrativa;
- A passagem do oral à escrita, com oral sem escrita e escrita sem oral;
- A relação biográfica com o saber nos fenômenos de construção e de desconstrução;
- O trabalho de elaboração do sentido como vetor do discurso;
- A valorização da subjetividade;
- A identificação do gênero biográfico;
- A resistência narrativa;
- A dimensão do não verbal, etc.

Nós, enquanto formadores, estamos sempre engajados em dois movimentos. O primeiro, a disponibilidade ao outro, que consiste em captar a linguagem de nossos interlocutores, em compreender o que eles dizem ou escrevem. O outro vai ao encontro da intervenção, com a intenção de auxiliar esses interlocutores a formatar o pensamento, assim como levá-los a questionar o sentido do que eles narram.

No movimento de um uso mais amplo de Histórias de vida, a prática de pesquisa em Ciências Humanas apoia-se sobretudo sobre uma orientação metodológica inspirada na hermenêutica. Ela contribui a evidenciar mais o sentido do que a prova da veracidade do que é dito ou a validade empírica das análises. Esse retorno direcionado para a interpretação coincide com a necessidade de repensar as fontes do pensamento, de percorrer o patrimônio cultural e intelectual como apoio inevitável à tarefa de interpretar.

Participamos da preocupação geral do mundo atual que consiste em estar atento ao que nos precede, o que nos ajudará a melhor compreender a complexidade e a diversidade das relações humanas. As Ciências Humanas são batizadas sob o signo do sentido. Só não podemos nos esquecer de preservar entre nós o espaço para a construção do sentido. Eis onde posicionamos as razões de ser do uso de Histórias de vida na formação/educação, numa transversalidade que seja capaz de dar conta da existência global.

O trabalho biográfico nos obriga, portanto, a ultrapassar os limites habituais da pesquisa. Como viver no século XXI? Tal é a questão que a prática de Histórias de vida nos coloca. Não se trata mais somente de analisar as condições das trajetórias biográficas ou de nomear as rupturas que as caracterizam. A inteligência do real não é mais suficiente para as formações; tornou-se urgente descobrir como viver na realidade dos contextos sócio-político-culturais atuais.

As Histórias de vida assumem assim, um lugar central na pesquisa e na formação em educação. Não unicamente tendo em vista um melhor conhecimento de si, ou enquanto busca identitária, mas na perspectiva mais ampla da construção de sentido socializada. O destaque do lugar do sujeito não pode ser feito sem se considerar as estruturas nas quais a História de vida se constrói. Nossas sociedades vivem uma etapa onde a coabitação de culturas ocupa um lugar preponderante e influencia profundamente nossas Histórias de vida. Que seja um retorno às origens ou uma criatividade inventiva, a intertextualidade e a intersubjetividade marcam os contatos intergeracionais e as inscrições sociais nas narrativas de vida.

O recolhimento de Histórias de vida educativas, languageiras, formativas, consiste a melhor situar de onde viemos para estar na medida de projetar para onde vamos, quais são as tradições a preservar e fazer evoluir, quais são os procedimentos a se repensar ou a excluir. A educação é o que temos em mãos para saber a que viemos. Se a abordagem biográfica consistiu, ontem, em elucidar como nos tornamos o que nos tornamos, ou como aprendemos o que sabemos, hoje o trabalho reflexivo sobre as Histórias de vida centra-se sobre o que vai nos permitir evoluir, ganhar em lucidez e a projetar nossas sociedades, nossos percursos de coabitação com maior qualidade.

4 As Histórias de vida na área de Educação no Brasil

Nas pesquisas em educação no Brasil, as Histórias de vida começam a se destacar como abordagem (muitas vezes denominada como método ou metodologia) a partir do final dos anos 90, especialmente com projetos e publicações da professora Maria Helena Menna-Barreto Abrahão, vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e, mais recentemente, pela professora Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nossa motivação em incluir as Histórias de vida na prática docente nasceram do contato e leitura das produções atreladas ao Grupo de Trabalho (GT) coordenado por Passeggi, a saber, Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades. Em interface com a França, representada por Martine Lani-Bayle, Passeggi organizou a participação de várias universidades brasileiras no projeto maior intitulado *Raconter l'école, au cours du siècle*,⁴ provocando a realização de Encontros, Simpósios e publicações conjuntas entre os dois países.

As pesquisas do GT citado trabalham sob a perspectiva da diversidade e seus desafios. Diversidade geográfica, mas também diversidade em termos de variedade das escolas e dos perfis acadêmicos, intelectuais e pessoais dos estudantes e docentes, enfim, dos atores envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Diversidade igualmente em relação à metodologia, sempre adaptada aos contextos educativos e seus atores específicos.

Lani-Bayle enfatiza, na apresentação de um dos livros gerados do trabalho dos GTs,⁵ o quanto elementos como as emoções, as relações e o ambiente, mais que os próprios conteúdos “missões” da escola, interagem na pesquisa. É o não programado que se sobrepõe, o não previsto, o laço humano. Mesmo com todas as desordens que podem acompanhar esses fatores, a função do afetivo, do relacional e do sensitivo é primordial no processo.

Especificamente, o projeto “Narrativas infantis: o que contam as crianças sobre a escola”, financiado pela CAPES e realizado com a colaboração de pesquisadores brasileiros de várias instituições (UNICID, UFF, UFRR, UNIFESP e UFRN), aplicado em 2012-2013 em contextos diversos, nos despertou o desejo de conhecimento e aprofundamento junto à abordagem de Histórias de vida. Os pesquisadores que trabalharam no projeto, por sua formação em educação, linguística e psicologia, se propuseram um olhar sobre a infância numa perspectiva interdisciplinar, focalizando sobre a linguagem e a ação no cotidiano para melhor compreender a trama dos laços entre o indivíduo e a sociedade.

⁴ Projeto transformado em livro do mesmo título, organizado por Lani-Bayle, publicado em 2000 pela Editora L'Harmattan.

⁵ Cf.: LANI-BAYLE; PASSEGGI, 2014.

Para além, nos inteiramos da existência de duas associações científicas: BIOgraph (Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica), criada em 2008, e ANNHIVIF (Associação Norte-Nordeste de Histórias de vida em formação), criada em 2006, com grande número de publicações e teses, e organizadoras, a cada dois anos, do CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica). A pesquisa (auto)biográfica no Brasil se situa, portanto, no movimento internacional que escolheu as narrativas biográficas e autobiográficas e as Histórias de vida como campo de pesquisa e de formação nas Ciências Humanas.

5 Projeto “As vozes da escola e de suas comunidades”

Enquanto docentes da Licenciatura Interdisciplinar (LI) em Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia, procuramos um modo de unir a necessidade de sensibilizar os estudantes ao exercício da escuta e de conhecimento dos atores de seu futuro ambiente de trabalho e, ao mesmo tempo, iniciá-los nas metodologias de pesquisa do social, associadas ao ensino-aprendizagem. Paralelamente a esse esforço, nossos estudos, traduzidos em conteúdos curriculares da licenciatura, procuram provocar e explorar as perspectivas das narrativas de Histórias de vida, em particular, dos atores implicados no exterior e no interior da vida escolar.

A licenciatura em Linguagens na qual atuamos segue as novas orientações do Ministério da Educação, formando os estudantes nas perspectivas gerais das Linguagens e suas Tecnologias, sem a presença das habilitações de línguas específicas no modelo tradicional dos cursos de Letras no Brasil. Logo, nossa língua de ensino, a língua francesa, se enquadra no currículo como componente optativo, não só a nossos licenciandos, mas a todos os estudantes da universidade, provocando um público diverso em formação e objetivos.⁶ Por essas razões adotamos a estratégia de lançar, no primeiro dia de aula do componente curricular Língua Francesa III (em que os estudantes já possuem a base mínima para a atividade proposta), o tema geral “Histórias de vida”, como motivação para todas as áreas do conhecimento presentes em nosso público.

⁶ Pensamos importante indicar que a língua francesa é trabalhada em 6 quadrimestres (a UFSB não adota o regime semestral) e que as turmas têm sempre fila de espera de vagas; o interesse na região é flagrante.

Como ponto de partida propusemos a escuta de extratos e/ou narrativas de vida (recursos audiovisuais) de francófonos de diferentes regiões e países enquanto via real para questionar o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula sob o ponto de vista social e cultural. As temáticas enumeradas são várias: os diferentes tipos de socialização, os laços relacionais, o espaço de pertencimento (a família, a escola, o bairro), a relação com os saberes, as atividades educativas, os professores, os sentimentos cotidianos, etc.

A perspectiva sobre a diversidade e os imprevistos nela contidos está no centro de nosso projeto. Diversidade regional, mas também respeito às diversidades dos perfis acadêmicos, profissionais e pessoais dos estudantes e da comunidade que os cerca. Diversidade igualmente em relação aos contextos educativos específicos. Nosso estudo pretende colaborar em uma melhor compreensão do contexto escolar – enquanto transformador e em transformação – e a encontrar vínculos entre a vivência cotidiana dos aprendizes e o trabalho docente, dos responsáveis pelas instituições e dos parceiros pedagógicos provenientes da universidade. O recolhimento de dados testemunhais, a leitura coletiva e a análise contribuem para desestabilizar a segurança de nossos julgamentos, percepções, saberes e intervenções na vida escolar enquanto futuros professores/pesquisadores.

Desenvolvemos o projeto “As vozes da escola e suas comunidades” como trabalho de pesquisa e ensino, envolvendo os estudantes de língua francesa – originários das várias áreas de conhecimento – com as comunidades externas e internas de uma escola de ensino médio pública de Porto Seguro. O que dizem os atores de suas vivências na estrutura da escola nos vários níveis possíveis (relação escola-família; relação entre pares; relação com e entre docentes, etc.), de seu status enquanto sujeito social e aprendiz/professor/administrador/vizinho/observador pontual/vendedor ambulante/comerciante local? Quais sentidos ao espaço escola? Além das palavras, o que eles vão nos revelar e nos ensinar sobre a escola, sua qualidade de vida escolar, seu tempo de vida na escola?

Sem nos limitar à população interna escolar, consideramos que tais incursões refletem sobre a rotina e a forma de vida da comunidade no entorno das instituições. Movimentos de expansão e de transversalidade constroem novos desenhos e contornos à vida dos pais dos alunos, da família dos professores, da comunidade que, direta ou indiretamente, esteja ao alcance dos braços da escola.

Para além do planejamento das ações, da observação silenciosa do ambiente escolar, da escolha dos personagens abordados, da preparação técnica das gravações, da elaboração em equipe de questões provocadoras da fala, nós procuramos, paralelamente, na sala de aula da universidade, um estudo mais aprofundado do vocabulário e expressões em língua francesa ligados ao cotidiano e ao universo dos personagens escolhidos. A sequência completa da execução do projeto é realizada em língua portuguesa, mas a segunda parte do trabalho consiste na tradução e na edição legendada em língua francesa do material produzido pelos estudantes.

6 Roteiro das atividades previstas e aplicadas pelos estudantes de Língua Francesa

Apresentamos, em seguida, em ordem cronológica, as ações realizadas em duas edições de nosso estudo (a terceira está em curso) pelos estudantes de Língua Francesa da UFSB:

- Discussão em sala de aula: os desdobramentos do termo gerador “Histórias de vida”, seguidas de visita do grupo ao meio-ambiente da escola-foco, o Complexo Integrado de Educação Pedro Álvares Cabral; segmentação das áreas de conhecimento presentes no grupo de estudantes e seus interesses; definição das datas da observação silenciosa.
- Observação silenciosa: nas datas definidas, os estudantes transitam no entorno e no interior da escola para compreender melhor seus movimentos, suas cores, seus horários e retornam à sala de aula com algumas sugestões de personagens a serem entrevistados.
- Definição das escutas: cada estudante define o personagem que será abordado para a escuta de sua história. Nesse momento ficam evidenciadas as motivações da área de conhecimento de cada um (a estudante de Medicina que escolhe o velhinho, vendedor tradicional de ervas curativas; o estudante de Direito que escolhe o guardador de carros estacionados em volta da escola – um ex-presidiário; o de Linguagens, que escolhe os comerciantes de uma padaria de produtos locais frequentada pela comunidade da escola e ponto de encontro de estrangeiros que conversam em várias línguas (principalmente italiano, francês e espanhol – comunidades preponderantes na

região), etc. A partir da lista de personagens preparamos o conteúdo das próximas aulas de francês, na qual os universos imaginários desses atores começam a ser estudados pelo grupo.

- Preparação documental e técnica: a nosso pedido, os estudantes buscam modelos de Termos de Aceite e o grupo elabora, em conjunto, o documento adaptado a cada caso, que é em seguida assinado pelo personagem, antes da escuta, e que em seguida constitui o dossiê enviado à Comissão de Ética da Universidade; planejamento e teste das câmeras e/ou celulares que serão utilizados nas filmagens; elaboração das listas de questões provocadoras da palavra do outro.
- Tentativas de escutas: os estudantes encontram seus personagens eleitos e algumas vezes recebem recusas, pois pode acontecer um sentimento de desconfiança da parte dos últimos. Frequentemente a escuta é realizada em mais de um encontro e os imprevistos são recorrentes (por exemplo, o guardador de carros que é preso mais uma vez, no momento da gravação), mas os trabalhos são finalizados.
- Apresentação: na sala de aula, assistimos os vídeos, discutimos sobre cada um e definimos as passagens mais interessantes para o próximo passo: a edição.
- Primeira edição: o estudante conclui a edição de sua gravação.
- Transcrição em língua portuguesa: após a edição do material, o estudante transcreve as falas do personagem.
- Atelier de tradução de Língua Francesa: além do conteúdo das aulas de francês focalizado no contexto da pesquisa, a escola e seus personagens, os estudantes frequentam 16 horas de trabalho prático de tradução, acompanhados de dois professores de francês, e finalizam a tradução das transcrições.
- Laboratório de Tecnologia – Legendas: participação de um técnico especializado em informática que, durante um período de 8 horas, orienta e supervisiona as legendas em Língua Francesa dos vídeos editados.
- Apresentação pública: todo o conjunto da comunidade acadêmica universitária e os personagens envolvidos são convidados a participar da apresentação do produto final do grupo de estudantes, seguida por uma roda de conversa.

7 Considerações finais

No início desse artigo sinalizamos que um de nossos objetivos é buscar uma maneira de unir a necessidade de sensibilizar nosso estudante ao exercício da escuta e conhecimento dos atores de seu futuro contexto de trabalho, assim como reforçar a colaboração da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias com as escolas regionais e desenvolver o aprofundamento do estudo da Língua Francesa conectada aos contextos locais e educacionais, procurando dar sentido ao ensino-aprendizagem da língua.

Trata-se de compreender como os estudantes percebem os processos de aculturação no seu duplo papel: do jovem que frequenta a universidade à procura de seu lugar e do estudante que se constrói na interação com o universo escolar, que lhe impõem tempos e rituais próprios, assim como possibilidades nunca antes imaginadas. Para tornar concretas nossas escutas de Histórias de vida, nós adotamos primeiramente uma perspectiva de fora da escola, de seu entorno. As experiências vividas nos são transmitidas para além dos muros da escola, pela comunidade tocada pelo espaço escolar – personagens aleatórios, vizinhos e integrados aos movimentos desse espaço-tempo.

Pelo viés da reflexão autobiográfica o jovem adquire a possibilidade de se desdobrar e ser ao mesmo tempo espectador e personagem do espetáculo narrado, um objeto de reflexão e um sujeito refletido na constituição das representações de si, do outro e do mundo.

O passo a passo das atividades é realizado com motivação, estudo e prazer pelos estudantes da LI em Linguagens e suas Tecnologias. A cada etapa, apesar das escolhas individuais, o grupo se consolida na interação e no compartilhamento de ideias e saberes, desde a definição dos personagens até a revisão final das legendas em francês. Os documentários finais são considerados como trabalho conjunto, construídos na sala de aula universitária, nas ruas e corredores da escola pública, no trabalho detalhista e solitário da transcrição, na sensibilidade técnica de elaboração das legendas e, finalmente, no desejo consciente de partilha dos resultados obtidos com a comunidade acadêmica.

Referências

CUQ, J.-P. *Dictionnaire de didactique du français: Langue Étrangère et seconde*. 2. ed. Paris: CLE International, 2003.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 30 jul. 2018.

LANI-BAYLE, M.; PASSEGGI, M. (org.). *Raconter l'école: à l'écoute de vécus scolaires en Europe et au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2014.

MOLINIÉ, M. Une approche biographique des trajectoires linguistiques et culturels. *Le Français dans le monde*, Paris, n. 39, p. 6-10, 2006.

PASSEGGI, M. C. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, v. 23, n. 61, p. 25-40, 2011. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/view/14001>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Recebido em: 28 de setembro de 2018.

Aprovado em: 17 de setembro de 2019.